

# Gestão turística & Meio ambiente: Uma análise da paisagem turística do Parque Estadual Serra das Andorinhas, Pará, Amazônia, Brasil.

Marcelo Pamplona Baccino<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata do desenvolvimento do *arqueoturismo* vinculado ao ecoturismo e ao turismo de aventura como instrumento de integração e preservação socioambiental em uma unidade de conservação. Demonstra implicações na relação homem X natureza num turismo bem planejado. A metodologia utiliza-se da análise da paisagem, amostra de inventário do Parque Estadual Serra das Andorinhas e aplicação prática experimental da teoria em um roteiro turístico dentro da unidade de conservação.

**Palavras-chave:** Turismo. Planejamento. Sustentabilidade.

## Introdução

A Amazônia tem sua economia fundada, sobretudo, na extração de recursos da natureza; em esforço ainda incipiente com relação à exploração sustentável dessas riquezas e sendo o homem o principal agente no ecossistema, este deve entender que sem planejamento qualquer atividade se transforma em caos. O presente artigo busca ajudar a desenvolver o turismo planejado e responsável numa unidade de conservação, buscando atividade turística alternativa e renovadora.

O estudo utilizou levantamento e análise bibliográfica. Coleta de dados através da prática e dos conhecimentos adquiridos em cursos relacionados com canoagem, rapel e ciclismo. No estudo de campo coletaram-se dados por meio da observação e conversas com os moradores, guias, mateiros e, também, utilizando o georeferenciamento.

O local da pesquisa é o Parque Estadual Serra das Andorinhas<sup>2</sup>. No território da APA (Área de Proteção Ambiental) que contorna o parque localizam-se a Comunidade

---

<sup>1</sup> Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará; Especialista em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial; e Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Pará. Email: elesbaccino@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Localiza-se no Município de São Geraldo do Araguaia, na porção sudeste do Pará. Criado em 1996, possui 24.897 ha e elevações de até 600m acima do nível do mar (MPEG, 2005). O acesso é feito por via aérea ou rodoviária até Marabá e daí seguindo por rodovia até São Geraldo do Araguaia. Em termos locais o acesso ao parque pode ser ocorrer através do Rio Araguaia. O clima da unidade biogeográfica é tropical-úmido com temperatura média mensal superior a 18 °C; ocorrem dois períodos de variações sazonais. O primeiro com chuvas torrenciais, durante o período de novembro a abril e o segundo, muito seco que se caracteriza quase por uma estiagem, durante o período entre maio e outubro (MACAMBIRA, 1981).

Sucupira com aproximadamente 30 moradores e a Comunidade de Santa Cruz com cerca de 150 habitantes que se sustentam principalmente através da agricultura familiar.

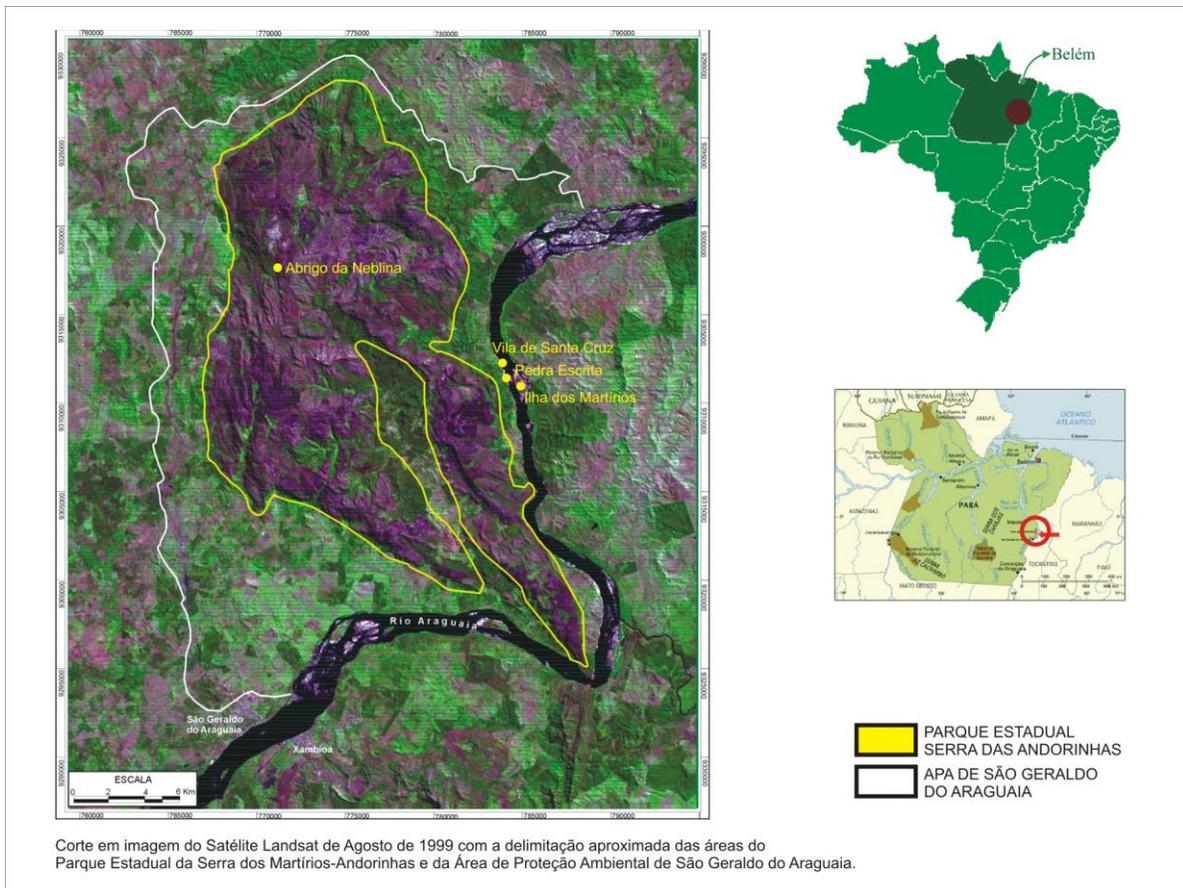


Figura 1- Esquema com mapas que localizam o parque e mostra os limites do parque e da APA.  
Fonte: Pereira e Figueiredo, 2005.

Quanto a hidrografia da ecorregião o Rio Araguaia (navegável) é o principal curso d'água, com pequenos rios afluentes como o Sucupira e o Jatobá. O parque possui vegetação variada árvores de grande porte, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Decidual ou Carrasco, Mata Galeria, Cerrado Amazônico (Figura 3), Floresta Secundária e áreas de agricultura e pastagens (FIGUEIREDO *et al*, 2002).



Figura 3- Cerrado  
Autora: Edithe Pereira.

Como principais atrativos naturais existe elevada diversidade de fauna e flora, estruturas ruiformes, muitos rios e igarapés (riachos), cachoeiras, cavernas e praias de rio (Figura 5). O parque possui sítios arqueológicos de alta representatividade com pinturas e gravuras rupestres. A região foi palco para a Guerrilha do Araguaia.



Figura 5- Praia de rio às margens do Rio Araguaia.  
Autora: Edithe Pereira.

## **2. Análise da paisagem**

A análise da paisagem é importante para o entendimento das possibilidades de práticas turísticas no parque, pois ela condensará o conjunto de atrativos de uma micro-área, sendo assim possível estabelecer quais as áreas mais propícias para determinadas atividades e práticas de turismo e lazer.

Ao analisar a paisagem da unidade de conservação, tomamos o ecossistema como a maior unidade de análise, sem esquecer as populações humanas. Atentamos para o fato de

que a apreciação e análise da qualidade da paisagem variam em cada cultura, por esse forte motivo a paisagem deve ser analisada principalmente de acordo com sua complexidade.

A paisagem do parque é natural, o mesmo possui lugares “autênticos”, isto é, lugares que não têm sido alterados pelos moradores e por turistas. Locais que ainda oferecem a possibilidade de se ter experiências turísticas genuínas, na direção de um encontro nos bastidores (SARMENTO, 2004). O termo paisagem geralmente é empregado para denominar os ambientes que se destacam por sua beleza, uma definição estética. Porém além do enfoque estético existe uma perspectiva científica, pois os componentes da paisagem são pelo lado estético, aqueles de fácil percepção. Já os científicos englobam elementos abstratos que não são percebidos por qualquer observador. Partindo de Boullón (1986), os elementos básicos da paisagem são: Topografia (relevo e morfologia); Vegetação (original ou plantada); Clima (situações atmosféricas); Habitat (efeitos da ação do homem e as condições de habitabilidade do mundo biótico).

Também segundo Boullón (1986), além dos elementos básicos da paisagem, existem quatro propriedades que podem ajudar na descrição e visualização da paisagem, são elas:

- Diversidade: depende da quantidade de componentes visualmente diferenciados desde os distintos pontos de vista dos que podem contemplar;
- Repetição: indica a quantidade de uma forma que chegue a dominar a cena; a repetição pode dar origem a dois tipos de paisagem: a) onde a espécie que se repete (árvores, flores, rochas *etc*) forma o tema da paisagem; e b) o qual o elemento repetido se vê como fundo de algum outro elemento natural que se destaca como a figura principal;
- Unidade: refere-se ao equilíbrio visual dos componentes de uma cena;
- Mudança: faz referência as mudanças de cena que adquire uma mesma paisagem segundo as horas do dia e dos dias do ano.

Depois de se investigar os elementos básicos da paisagem e as quatro propriedades da paisagem, Boullón (1986) indica que se deve completar a investigação mediante a resposta de perguntas como as seguintes:

- Quais são as partes do ambiente natural em que a paisagem mostra sua melhor expressão?
- Quais são os melhores momentos do dia e do ano para visualizá-los?
- Que particularidades têm cada local e qual é o melhor campo visual para cada um deles?

- Onde estão os pontos de visão?
- Quais as superfícies de penetração e as paisagens de visão externa?
- Quais as sequências que devem guiar o traçado das trilhas?

Para a análise da paisagem é de grande importância que seja identificada a matriz (principal referência da paisagem) e as manchas (referências de importância secundária), pois estas serão o eixo da análise.

É importante que o observador passe um tempo pelo menos razoável contemplando a paisagem, pois quase toda paisagem é complexa e requer tempo para ser percebida tanto esteticamente como psicologicamente. Vários são os componentes sensoriais das imagens da paisagem natural, baseado no texto de Boullón (1986), utilizamos os seguintes com relação ao tipo de ambiente presente no parque: Formas (das plantas, dos lagos, dos rios, das nuvens *etc*); Cheiro (das flores, plantas, árvores, terra, ar, água *etc*); Cor (das flores, céu, árvores, cultivos *etc*); Luz (os brilhos, reflexos, sombras, transparências, opacidades *etc*); Textura (do solo, água, troncos, folhas, flores *etc*); Sons (da água, insetos, vento, pássaros *etc*); Temperatura (no sol, ar, água, areia, sombra, dentro do bosque *etc*); Atmosfera (o amanhecer, pôr-do-sol, umidade *etc*).

Dentro da prática da atividade turística existem faltas graves que prejudicam o turista com relação à vivência da paisagem, são elas: Falta de conteúdo técnico dos sistemas promocionais e turísticos; Os turistas são seduzidos e manipulados pelas representações da publicidade de destinos turísticos, assim como, o guia de turismo direciona a atenção dos turistas para um grupo limitado de aspectos da paisagem (SARMENTO, 2004). De acordo com Boullón (1986) os atrativos naturais devem ser descritos dentro de no mínimo os seguintes itens:

- Tipo Montanhosos: deve conter variáveis descritivas de Localização; Altura e morfologia; Clima; Vegetação; Fauna de interesse turístico; Paisagens mais interessantes; Facilidade para visitá-los.
- Tipo Lagos, lagunas e estuários: deve conter variáveis descritivas de Localização; Dimensão e forma; Características da costa; Clima; Vegetação circundante; Qualidade da água (cor, transparência, temperatura e profundidade); Movimento das ondas; Zonas aptas para banho; Flora e fauna aquática; Ilhas; Edificações; Portos esportivos ou turísticos; Paisagens mais interessantes; Facilidade para visitá-los.

- Tipo Rios e arroios: deve conter variáveis descritivas de Localização; Tamanho (comprimento, largura e volume); Características da costa; Clima; Vegetação circundante; Qualidade da água (cor, transparência, temperatura e profundidade); Movimento das ondas; Velocidade da corrente; Zonas aptas para banho; Flora e fauna aquática; Ilhas; Zonas navegáveis; Portos esportivos ou turísticos; Trechos de paisagens mais interessantes; Facilidade para visitá-los.

- Tipo Quedas d'água: deve conter variáveis descritivas de Localização; Altura, largura, volume e número de saltos; Clima; Zonas de banho; Paisagens do entorno; Facilidade para visitá-los.

- Tipo Grutas e cavernas: deve conter variáveis descritivas de Localização; Tamanho, medidas, conformação e idade geológica; Temperatura; Trechos de percursos sem perigo; Formações mais notórias; Facilidade para visitá-los (acessos, iluminação e guias).

- Tipo Locais de observação da flora e da fauna: deve conter variáveis descritivas de Localização; Tamanho dos lugares; Clima; Quantidades e áreas aproximadas habitadas por espécie; Possibilidades e condições de observação; Paisagens mais interessantes; Facilidade para visitá-los.

O guia de turismo direciona a atenção dos turistas para um grupo limitado de aspectos da paisagem. Existe a possibilidade de deixar o turista encontrar por si mesmo os lugares-paisagem. A figura do turista como receptor passivo de informação geográfica não se encaixa no papel ativo e dinâmico de muitas pessoas, neste caso, o turista deve ser elevado e entendido como um sujeito conhecedor e pensador, caso diferente do que os guias ou agentes de cegueira<sup>3</sup> propõem (o termo agente de cegueira refere-se ao fato do guia concentrar a atenção dos viajantes num conjunto limitado de características da paisagem), possibilidade válida apenas para aquela minoria de visitantes que se integram com a paisagem (ator-observador) e permanecem muitos dias nos lugares que visitam. Porém é preciso manter o guia tradicional para que se atendam as necessidades do turista (observador) de massa que não sabe como se comportar e precisa de muita ajuda externa.

Segundo Sarmiento (2004) para estes observadores é necessário disseminar certos ângulos e perspectivas de ver as paisagens que, em muitas situações, se tornam às vistas dominantes. Condução que fazem dos nossos sentidos para “vistas” selecionadas, enquanto

---

<sup>3</sup> Termo encontrado em SARMENTO (2004).

dissimulam, escondem e negligenciam outras formas de ver. É o caso do guia (livro) de viagens que funciona como um agente de cegueira, por concentrar a atenção dos viajantes como num conjunto limitado de características da paisagem. As meticolosas descrições dizem aos leitores o que esperar e como se comportar, influenciando práticas espaciais específicas que privilegiam certas práticas espaciais que resultam em formas específicas de ver a paisagem.

A análise da paisagem do Parque Estadual Serra das Andorinhas e seu entorno foi formatada de acordo com metodologia proposta em Figueiredo e Manhi (2005), Boullón (1986) e Sarmiento (2004).

O quadro em seguida demonstra a análise objetiva para unidade de paisagem proposto por Figueiredo e Manhi (2005), com adaptações voltadas para o parque.

Variáveis	Análise
Estrutura	Quantos e quais elementos da paisagem existem e são perceptíveis no ecossistema.
Grau de Complexidade	Alto, médio, baixo. É dado pela quantidade de elementos e sua organização na paisagem.
Quantidade de manchas visíveis na matriz	Identificação da matriz e das manchas que podem ser observadas.
Amplitude visual	Grande (180°), média (90°), pequena. Capacidade de observação da visão humana, quantidades de elementos percebidos, sempre em função da identificação da matriz/mancha ou atrativo observado.
Cor	Adjetivar: monocromática/policromática, quente/fria.
Linhas	Linhas horizontais e verticais. Fila ou sequência, limites, margens, bordas. Quantificar e observar formas de linhas.
Formas	Resultado da articulação das linhas formando grandes e pequenas unidades de paisagem. Trabalhar com a geometrização das formas e recortes.
Textura	Vegetal, mineral, antrópica (cultural e industrial).
Sons	Existência (quantificar e qualificar) e não existência.
Movimento	Alto, médio, baixo. De acordo com a quantidade de linhas e alternância de padrões.
Infraestrutura e Marcos Referenciais	Existência ou não de elementos antrópicos na paisagem natural (sinalização, apoio, monumentos).
Luminosidade	Relação entre as cores e a incidência de luz nas paisagens, além de possibilidade de observação.
Sequência visual	Qualidade da sequência (quantidade de elementos e alternância).

Quadro 1- Quadro demonstrativo de análise para unidade de paisagem.

Fonte: Figueiredo e Manhi (2005).

### 3. Equipamentos turísticos

As paisagens dos parques são fotografias belas, mas vazias quando descontextualizadas. São os relatos dos moradores que geram vida, denominando os

lugares. São os sertanejos, camponeses e pescadores – memória de um povo – as referências culturais que dão sentido ao patrimônio natural materializado nos parques. Dentro deste contexto a criação de uma estrutura turística deve ser feita sem ferir estes princípios. Um dos postulados centrais do desenvolvimento sustentável consiste no aproveitamento, em longo prazo, dos recursos naturais e culturais, integrando as suas características aos sistemas produtivos.

O procedimento correto não é impor a cada atrativo natural o uso que se considerar mais conveniente. Devem-se identificar quais prestam melhor a cada tipo de uso. No parque os equipamentos e instalações devem ser elaborados de modo que facilite a gestão do parque e as atividades de lazer e recreação, pois a unidade poderá realizar eventos diversos.

Tanto as instalações como os equipamentos devem respeitar o contexto visual e causar o menor impacto ambiental; a concentração de turistas tem de ser, ainda, de baixa intensidade, e as atividades dos visitantes precisam deixar o mínimo de impactos na natureza. O desenho arquitetônico do estabelecimento não pode irromper o tema central, que é a paisagem natural; as edificações retomam conceitos e materiais locais, e a altura das árvores é outro dos elementos que precisa predominar. Não se pode esquecer a presença dos sítios arqueológicos.

Importante citar que se o número de visitantes cresce demasiadamente, o se altera radicalmente a relação entre área e usuário. Mesmo que todos eles tenham elevada consciência conservacionista, basta simplesmente que ultrapasse o máximo de uso que se pode fazer do atrativo, como efeito neutralizante para que o recurso comece a deteriorar-se.

É necessário abrir espaço para que as comunidades possam participar como agentes atuantes no controle de práticas poluentes. As propostas de ação devem contar com a aceitação da comunidade ou grupos afetados para desse modo, assegurar a viabilidade dos planos e propiciar uma administração bem-sucedida da área.

#### **4. Ecoturismo, Turismo de Aventura e Arqueoturismo**

Se no ecoturismo a motivação principal é a observação e a apreciação das características naturais e dos recursos culturais a ela associados, no turismo de aventura a

preferência é a exercitação física e as situações desafiadoras. Nesse contexto o parque e seu entorno possuem diversas atrações.

O Parque Estadual da Serra das Andorinhas possui características geomorfológicas, históricas e arqueológicas, que favorecem a prática de ecoturismo e turismo de aventura em parceria com o arqueoturismo, como: canoagem, rapel, tirolesa, ciclismo e caminhada. Essas atividades serão utilizadas tanto para uma contemplação e integração à natureza, como para gerar acessibilidade aos sítios arqueológicos de difícil acesso.

Para exemplificar foi feito um estudo que mostra a aplicação prática dos conceitos através do roteiro que tem como principal atrativo a trilha do Riacho Sucupira onde se localiza o sítio arqueológico com pinturas rupestres PA-AT-155/Sucupira.

## **5. Aplicação prática**

Trata-se da Trilha do Riacho Sucupira. Essa inicia na confluência do Riacho Sucupira com o Rio Araguaia, tendo como objetivo principal a visita ao abrigo com pinturas rupestres. O trecho do riacho próximo ao abrigo é propício a banhos apenas durante o verão, pois no inverno o volume de d'água aumenta e sua correnteza torna-se forte. Começa com embarque no porto de São Geraldo do Araguaia às 7hs, descendo de lancha o Rio Araguaia em percurso de 1h40 até a foz do Riacho Sucupira. O rio tem mata ciliar conservada, repleta de palmeiras babaçu.

Chega-se na foz do Riacho Sucupira (pois o mesmo deságua no Rio Araguaia) por volta das 8hs. O desembarque ocorre em uma praia e adentra-se a mata por trilha com o solo cheio de pedras e pequenas árvores. A trilha é de quase 1 km e parte dela margeia o riacho. O sítio com pinturas rupestres é atingido em aproximadamente 25 minutos de caminhada lenta. O local do sítio tem solo de terra escura, fica em terreno íngreme, o grau de insolação é baixo, o sítio pode ser visitado o ano todo, o abrigo onde fica as pinturas tem sua boca voltada para o leste e possui 1,1m de altura por 7,1m de largura em sua frente (Figura 8). Do sítio vê-se parte da serra e o trecho do Riacho Sucupira onde suas margens tornam-se dois paredões de rocha.



Figura 8- Pinturas rupestres encontradas no interior do abrigo.  
Autora: Edithe Pereira.

Descendo o terreno íngreme onde se localiza o sítio arqueológico, chega-se a uma depressão composta por dois paredões rochosos de aproximadamente 12m de altura (Figura 9). As águas do riacho são frias e claras, proporcionando um ótimo banho e os paredões de sua margem são propícios para a prática do rapel.



Figura 9- Trecho do Riacho Sucupira propício ao banho e de fácil acesso.  
Autora: Edithe Pereira.

Retorna-se pelo mesmo caminho. O retorno pelo mesmo percurso não se torna repetitivo, pois a paisagem sofre grande mudança (Figura 10). Milhares de andorinhas dão rasantes, voltas e piruetas no ar para comerem os insetos que sobrevoam o rio. Os patos mergulhões secam suas asas nos pedrais, bandos de gaivotas, garças e ciganas fazem sua revoada. O desembarque no porto em São Geraldo do Araguaia é por volta das 18h.



Figura 10- Paisagem do Rio Araguaia no final da tarde, bem diferente das imagens observadas durante o dia.  
Autora: Edithe Pereira.



Figura 11- Mapa da Trilha do Riacho Sucupira.  
Fonte: FIGUEIREDO, Silvio *et al*, (2002).

### 5.1. Descrição do roteiro

- a) Rio Araguaia: é o principal curso d'água e é navegável por todo o ano, sua água é escura.
- b) Foz do Sucupira: é formada na confluência das águas do Riacho Sucupira com as águas do Rio Araguaia, na foz, se formam praias de areia branca.
- c) Trilha até o abrigo: trilha de 0,5m de largura, com o solo pedregoso. A trilha possui aproximadamente 1 km de comprimento e parte dela margeia o riacho. Nela há subidas e descidas pequenas.

d) Sítio arqueológico: abrigo com fragmentos de artefatos cerâmicos, em pouca quantidade coletados na superfície. O sítio arqueológico é de arte rupestre e localiza-se em terreno de média declividade;

e) Paredões: têm aproximadamente 10m de altura onde em seu fundo serpenteia o Riacho Sucupira, sua descida é simplificada, pois existe uma bifurcação da trilha que dá acesso fácil a água corrente que passa no fundo.

- Acesso: do porto de São Geraldo pega-se uma lancha (motor de 25 cavalos), após 1h40 de viagem pelo Rio Araguaia chega-se a foz do Riacho Sucupira, desembarca-se nas praias e através de uma trilha com duração de 25 minutos, de baixo nível de insolação e poucas depressões chega-se no sítio arqueológico.

- Funcionalidade: do tipo cerimonial, sítio de elevada representatividade.

- Fragilidade: frágil, tendo como principal agressor os fungos, líquens, caminhos feitos por cupins, degradação natural da rocha do abrigo e o escoamento da água da chuva sobre a parede do abrigo.

- Clima: tropical-úmido com temperatura média superior a 18 °C.

- Visualização:

a) Do Rio Araguaia: no percurso (saindo pela manhã) de São Geraldo até o Riacho Sucupira, o Rio Araguaia possui uma paisagem natural, com animais selvagens de várias espécies por todo o trajeto, margens e vegetação ciliar de fácil visualização devido grande incidência da luz solar. Já no retorno para São Geraldo (saída às 17hs) a paisagem do Rio Araguaia muda, a luz solar diminui, as margens se tornam paredes escuras, a escuridão da serra contrasta com as cores do pôr-do-sol e os animais predominantes são as milhares de andorinhas que fazem piruetas para assim capturar os pequenos insetos (efemérides);

b) Do sítio: o melhor momento para fazer o roteiro é durante o verão e para visualizar as pinturas rupestres e a paisagem que compõe o sítio é no período das 10hs às 14hs. É grande a visualização das pinturas rupestres, mesmo havendo algumas interferências naturais que cobrem algumas pinturas ou parte delas.

- Cheiro: das flores silvestres, da água do riacho, das folhas, da terra quando molhada.

- Velocidade da Corrente: fora do período das chuvas a velocidade é bem baixa.

- Habitat: ambiente com írisória influência da atividade humana, ambiente natural.

- Zonas Aptas para Banho: no perímetro que fica entre os dois paredões rochosos do Riacho Sucupira existem zonas para banho.
- Zonas Navegáveis: apenas o Rio Araguaia é navegável.

## 5.2. Análise da paisagem

Análise da Paisagem da Trilha do Riacho Sucupira durante o verão (durante o inverno a paisagem muda, principalmente devido o aumento do volume do riacho, submergindo os paredões de rocha):

Variáveis	Análise
Estrutura	Seis elementos são caracterizados: O Rio Araguaia, a Praia formada na foz do Riacho Sucupira, o Riacho Sucupira, a vegetação que margeia a trilha, o Sítio Arqueológico Sucupira e os paredões a frente do sítio.
Grau de Complexidade	O grau é alto, pois existem muitos elementos, além a abundância de fauna (aves e insetos, principalmente) e flora, e a aleatoriedade da disposição dos mesmos.
Quantidade de manchas visíveis na matriz	No recorte da unidade de paisagem o rio é matriz; a praia/foz, riacho e vegetação, são manchas.
Amplitude visual	A amplitude visual é grande na foz do riacho e médio no sítio, dada pela configuração do relevo, nas duas margens do Riacho Sucupira, mas com limitações pela sua sinuosidade.
Cor	As cores “quentes” que a paisagem forma, combinam com a gama de cores que vão do verde da vegetação, verde dos pastos, verde o rio, e cinza e marrom das rochas das margens do riacho.
Linhas	Há uma grande quantidade de linhas, dada pela quantidade de elementos.
Formas	As formas são dadas pelas montanhas ao fundo, formas rochosas nas margens do riacho e vegetação.
Textura	A vegetação em 70 % e as rochas das margens do riacho no restante.
Sons	Barulho constante e agradável do movimento das águas nas corredeiras, pássaros e insetos.
Movimento	O movimento é alto devido a grande quantidade de linhas e alternância de padrões
Infraestrutura e Marcos Referenciais	Os únicos indícios de presença humana são as cercas abandonadas, os restos de muros feitos de pedras empilhadas e as inscrições rupestres. Ao fundo, numa outra perspectiva, a serra com seus elevados morros.
Luminosidade	A relação entre as cores e a incidência intensa da luz do sol nas paisagens, além de possibilidade de observação, é ótima.
Sequência visual	A qualidade da sequência (quantidade de elementos e alternância) é alta, com elementos que se alternam proporcionando uma sequência visual dinâmica.

Quadro 3- Análise da Paisagem da Trilha do Riacho Sucupira durante o verão.

Fonte: Figueiredo e Manhi, 2005 (com adaptações).

Portanto, as características paisagísticas da Trilha do Riacho Sucupira têm grande potencial atrativo. O percurso pelo Rio Araguaia, a praia formada na foz do Riacho Sucupira, a trilha repleta de sons, fauna e flora, o local onde fica o Sítio Arqueológico e o

trecho do riacho que é propício para o banho e fica entre os paredões de rocha. Todos esses componentes formam um ambiente de grande atrativo paisagístico. A representação dos elementos da paisagem, com suas linhas, formas, e manchas é demonstrada pelas figuras 12 e 13:

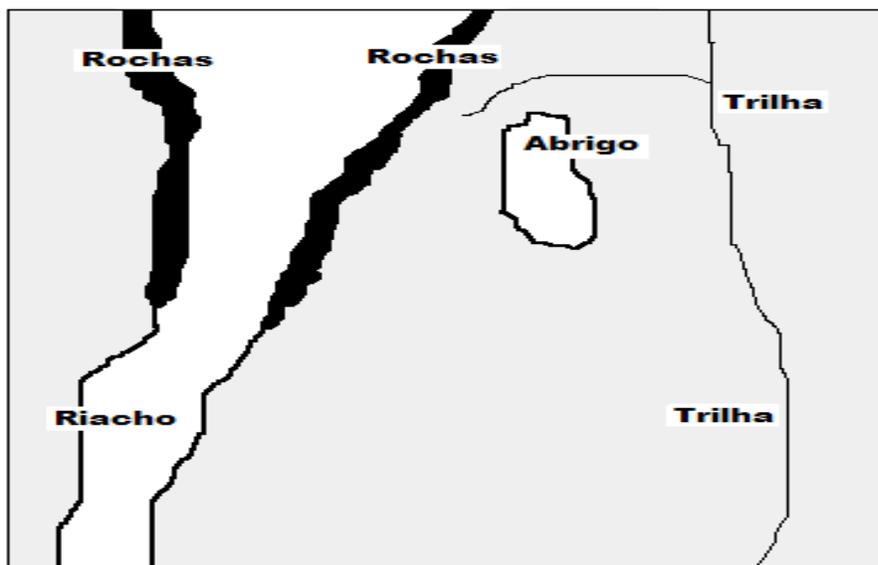


Figura 12- Trilha até o abrigo.  
Autor: Marcelo Baccino, Out 2018.



Figura 13- Foz do Riacho Sucupira  
Autor: Marcelo Baccino, Out 2018.

Ressalta-se a configuração ímpar do rio Araguaia no período de estiagem, colocando o período do verão como o principal momento de realização de atividades ligadas ao turismo (FIGUEIREDO *et al*, 2002).

### 5.3. Implantação de estrutura física

- Os visitantes podem ter folhetos com mapas e informação sobre todos os atrativos do parque deste modo será evitada a colocação de painéis no decorrer das trilhas, diminuindo o impacto, principalmente, sobre a vegetação;
- A largura média da trilha atualmente é de 0,5m, sendo importante manter esta medida, pois quanto menor a largura do caminho, menor será a área pisoteada e conseqüentemente menor será o impacto negativo sobre o ambiente;
- Sinalização da trilha com setas informativas;
- Construção de uma passarela em madeira na parte frontal do abrigo onde se encontram as pinturas rupestres, para assim poder limitar fisicamente o local de onde os visitantes irão visualizar as pinturas rupestres do abrigo, assim como, a passarela irá evitar possíveis erosões e compactação do solo próximo ao abrigo (Figura 14). A parte da passarela que estiver voltada para as pinturas rupestres possuirá um parapeito (e corrimão) para limitar o acesso do público o qual pode observar as pinturas sem tocá-las.

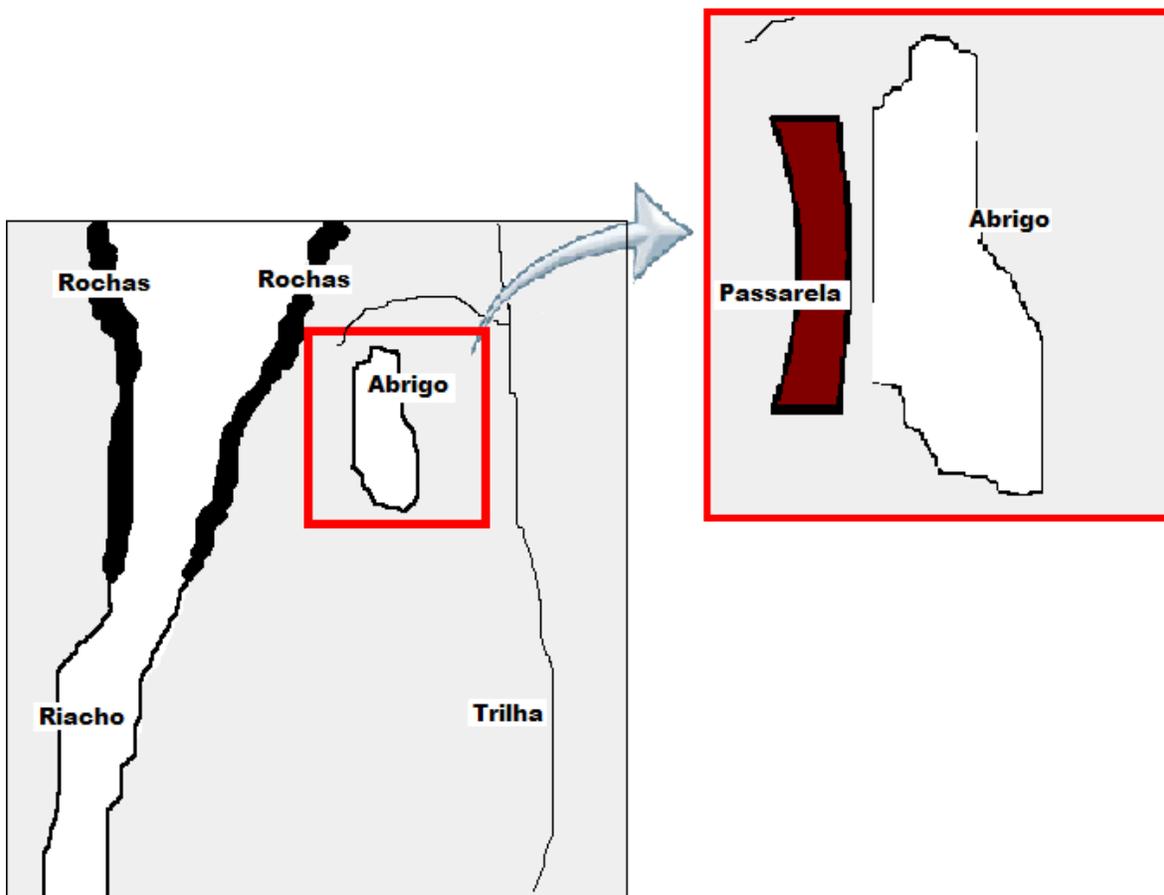


Figura 14- Proposição da passarela em frente ao abrigo do Sítio Arqueológico Sucupira.  
Autor: Marcelo Baccino, Out 2018.

#### 5.4. Operacionalização do roteiro

A proposta da Trilha do Riacho Sucupira relaciona-se com a atratividade que a mesma possui, devido à interface de potencialidades ligadas (arqueoturismo, ecoturismo e turismo de aventura), além do fato de que essa trilha pode ser muito maleável com relação ao tipo de turista que poderá utilizá-la. Ou seja, no roteiro que foi feito da referida trilha utilizou-se a lancha como transporte até a praia na foz do riacho, com desembarque e caminhada leve pela trilha até o sítio arqueológico. Nesse modo, praticamente não existem restrições quanto ao tipo de turista que poderá fazer esse roteiro, mas se for substituída a lancha pelo caiaque ou canoa regional, o roteiro ficará restrito a indivíduos aventureiros, com grande resistência física e domínio das técnicas de navegabilidade a remo, podendo ser até um roteiro para eventos como corridas de aventura. Então quanto à operacionalização

do roteiro pode-se fazer: Observação de fauna e flora; -Educação ambiental; Recreação e lazer; O visitante irá retornar com seu próprio lixo; Banho, sendo que deve ser delimitada a área para banho e proibido o uso de cosméticos a base de óleo, sabonete ou repelente ao entrar na água, pois os mesmos podem perturbar a fauna e flora aquática; Limpeza das trilhas e retirada de animais que podem causar acidentes, como colmeias de abelhas, vespas e maribondos *etc*; Fazer estudo da capacidade de carga dos locais que serão visitados no roteiro.

## 6. Considerações finais

As unidades de conservação são lugares para se ter contato com a natureza cotidianamente distante, o que, por princípio, atribui apelo turístico às áreas. A vocação ao turismo sustentável, no entanto, somente se realiza de modo pleno mediante a existência de boas condições: educação dos visitantes, de um lado; e criação de infraestrutura, de outro.

O Pará é um dos estados de região norte do Brasil, onde se encontra grande parte da floresta amazônica e essa é possuidora de ricos recursos turísticos. Para explorarmos esses atrativos culturais e naturais é importante a eficácia dos projetos e estes devem ser focados na solidificação de uma ética no planejamento do desenvolvimento e nas ações humanas.

Assim, educação patrimonial e ambiental devem ser compreendidas como processo permanente para o êxito de suas funcionalidades. Nesse contexto, a exploração do turismo na região da Serra das Andorinhas emerge não apenas como uma opção viável de desenvolvimento que dinamize a economia, mas também como um instrumento de defesa do patrimônio natural e cultural.

## Referências

- BOULLÓN, Roberto. **Planificación Del Espacio Turístico**. México: Trillas, 1986.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima *et al.* **Estudos de Planejamento Turístico do Parque Estadual da Serra dos Martírios/Andorinhas**. Belém: UFPA/Geociências, 2002.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima, MANHI, Carlos. Análise Comparativa de Paisagem em Turismo: sistemas de referência. In: RUSCHMANN, Doris, SOLHA, Karina. **Princípios do Planejamento turístico: teoria e prática**. São Paulo: Manole, 2005.
- MACAMBIRA, Joel *et al.* **Relatório Final do Projeto Serra das Andorinhas**. Belém: DNPM/UFPA, 1981.
- MPEG. **Idéias e Debates**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi- MPEG. nº.1, abr.2005.
- PEREIRA, Edithe; FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Arqueologia e Turismo na Amazônia – Problemas e Perspectivas**. Pelotas: Cadernos do LEEPAARQ, 2005.

SARMENTO, João Carlos Vicente. **Representação, Imaginação e Espaço Virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos Açores.** S/L: Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2004.

**Abstract**

This article deals with the development of archeotourism related to ecotourism and adventure tourism as an instrument of integration and socio-environmental preservation in a conservation unit. It demonstrates implications for man X nature in well-planned tourism. The methodology is used of the landscape analysis, inventory sample of the Serra das Andorinhas State Park and experimental practical application of the theory in a touristic route within the conservation unit.

**Keywords:** Tourism. Planning. Sustainability

Recebido em 02/10/2019

Aprovado em 08/02/2020